

O contato linguístico português/espanhol na Costa Brasileira no começo do século XX

Eliabe Procópio¹
Rosineide Lima Gonçalves²

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever o contato linguístico português/espanhol no litoral brasileiro. Para tanto, este estudo usa como fonte de pesquisa três *Diários de Viagem* da Princesa Maria das Neves de Bragança, filha de D. Miguel e sobrinha de Dom Pedro I do Brasil. Esses diários integram uma coleção de outros cadernos escritos por Sua Alteza, que estão disponíveis no Portal de Archivos Españoles (PARES) e retratam diversas de suas viagens pelo mundo, neste caso esses três diários relatam sua passagem pela costa brasileira, numa viagem que iniciou na Espanha e foi em direção à Argentina, em 1904. Esta pesquisa fundamenta-se nos estudos de contato linguístico (Zimmermann, 1995) e nos conceitos de multilinguismo (Clyne, 1997) e intercompreensão entre línguas românicas (Escudé; Calvo, 2019); e descreve essas situações de contato relatadas pelo *Diário de Viagem*, cujas principais características são o exolingüismo e as diversas modalidades de intercompreensão.

Palavras-chave: Contato linguístico. Intercompreensão. Brasil. Português. Espanhol.

Portuguese/Spanish linguistic contact on the Brazilian Coast at the beginning of the 20th century

Abstract: This article aims to describe the Portuguese/Spanish linguistic contact on the Brazilian coast. To this end, this study uses as a research source three Travel Diaries of Princess Maria das Neves de Bragança, daughter of D. Miguel and niece of Dom Pedro I of Brazil. These diaries are part of a collection of other notebooks written by Her Highness, which are available on the Portal de Archivos Españoles (PARES) and portray several of her travels around the world. In this case, these three diaries report her passage along the Brazilian coast, on a trip that began in Spain and went towards Argentina, in 1904. This research is based on studies of linguistic contact (Zimmermann, 1995) and on the concepts of multilingualism (Clyne, 1997) and intercomprehension between Romance languages (Escudé; Calvo, 2019); and describes these contact situations reported in the Travel Diaries, whose main characteristics are exolingüism and the different forms of intercomprehension.

Keywords: Language contact. Intercomprehension. Brazil. Portuguese. Spanish.

¹ Professor da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9766-1686>. E-mail: eliabeprocopio@academico.ufs.br.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8046-8241>. E-mail: rosineide.portela@hotmail.com.

Introdução

O contato linguístico entre português e espanhol é de longa data, tem início ainda na Península Ibérica, no período de formação das línguas vernáculas, intensifica-se na criação dos Estados nacionais e se prolonga às colônias portuguesas e espanholas na América e na Ásia (Alonso Romo, 2005; Procópio, 2024; Procópio; Mota, 2016; Procópio; Gonçalves, 2023). Em solo brasileiro, esse contato parece repetir um padrão sociolinguístico semelhante ao que havia na Europa, no quesito da intercompreensão entre os falantes dessas línguas, da interferência de marcas gramaticais entre os sistemas e da transferência léxica, em especial os empréstimos.

A história desse contato linguístico ibérico é um tema já conhecido pelas referências em Filologia e História da Língua, inclusive discutido pelo viés da tradução (Dasilva, 2017; García Martín, 2010) e principalmente do bilinguismo (Castro, 2002; Buescu, 2004; García Martín, 2008), afinal desde a Reconquista, o espanhol foi ocupando a centralidade política e linguística na Península, em torno do qual as outras línguas ibéricas foram organizando-se em camadas mais, ou menos, assimétricas.

No contexto sul-americano, o contato entre o português e o espanhol tem sido estudado pelo viés histórico (Ramírez Luengo, 2005; 2008; 2010; 2012a; 2012b; 2015) e sincrônico (Elizaicín, 2004; Sturza, 2021; Mota, 2014; 2020; etc.)³, com relativa ênfase na perspectiva sociolinguística e contexto escolar. À exceção de Mota (2014, 2020), que trata da fronteira Norte, todos os outros trabalhos focam os contatos na fronteira sul brasileira. À exceção também de Ramírez Luengo, que adota uma perspectiva histórica, todos os outros trabalhos focam os contatos numa perspectiva contemporânea.

A constatação é que nos estudos linguísticos há uma lacuna geográfica e temporal sobre o contato linguístico entre o português e a espanhol na formação sócio-histórica do português brasileiro: as referências falam do contexto peninsular, depois há um grande lapso

³ Aqui citamos apenas algumas referências do prof. Elizaicín, conhecido pelos estudos sociolinguísticos do espanhol uruguaio e dos dialetos portugueses do Uruguai (DPU); de Sturza, citamos o trabalho mais recente; e de Mota, citamos a dissertação e a tese, respectivamente.

temporal e, por último, elas passam a falar do contexto fronteiriço sul-americano, em especial da região do Prata, onde as fronteiras são mais transitáveis e transitadas, e onde essas duas línguas de fato coexistem.

Essa lacuna acaba por reforçar a crença de um país monolíngue, em que fica parecendo que a transplantação do português como língua nacional foi natural, consensual e livre de concorrências – essa mesma crença pode ser objeto de discussão no lado hispano.

Ainda nessa linha de raciocínio, o estudo do contato português-espanhol está concentrado na descrição léxica, em especial nos empréstimos e no léxico compartilhado (*glosario compartido*), a exemplo de Corbella e Fajardo (2017), em cuja coletânea os autores versam sobre lusismos, espanholismos e, inclusive, galeguismos em variedades do espanhol europeu e americano.

Léxico compartilhado é um conceito lançado por Salvador (1967), segundo o qual a identificação etimológica de vários lusismos ou espanholismos não é uma tarefa fácil. A proposta de Salvador (1967) é não se ater a uma imediata vinculação linguística, mas pensar em um ‘ocidentalismo peninsular’, um *continuum* linguístico que compreende o galego, o português, o leonês e o espanhol, afinal sempre houve trocas linguísticas na Península, em especial nos séculos XV a XVII. Fatores que contribuíram para esse compartilhamento lexical são a proximidade geográfica, a mesma administração (União Ibérica), o uso do português na produção artística na época dos Áustrias, o uso do espanhol na escrita de autores portugueses, a mesma filogenia, dentre outros.

Uma síntese desses estudos de contato português-espanhol é a ênfase **(1)** no léxico, já que esse nível mais superficial da língua é aquele que mais facilmente se transforma pelos contatos (Zimmermann, 1995); **(2)** nos textos literários, que apesar de ser a esfera social de maior produção textual conservada daqueles períodos históricos, existem outros que merecem atenção, principalmente por manifestar um uso mais próximo ao vulgo, ou seja, um uso linguístico menos monitorado; **(3)** nos séculos XVI e XVII, sincronias de grande importância político-cultural, contudo já existem pesquisas que avançam para o período oitocentista, inclusive a contemporaneidade; e **(4)** em recortes geográficos pontuais, tendo em vista as limitações em coletar dados que abarquem o grande espaço luso- e hispanofalante.

Apesar de falar dos contatos sociais e gramaticais com outras línguas, ainda é forte na disciplina História da Língua a perspectiva oficial do português e do espanhol,

esquecendo-se de que longe das metrópoles ibéricas os súditos construía suas histórias em nome de seus estados. Do ponto de vista linguístico, essa história estava sendo produzida pela interação com os nativos e com os outros tantos europeus que se aventuravam na América, como ingleses, franceses e holandeses; e nos séculos mais recentes, entram os brasileiros nesse cenário linguístico.

Este artigo tem por objetivo descrever os contatos que subjazem à história sociolinguística do português no Brasil, em especial a história do contato entre o português e o espanhol. Para cumprir com esse objetivo, esta pesquisa usa três dos 194 *Diários de Viagem* (doravante DV) escritos pela Princesa Maria das Neves, filha de Dom Miguel I de Portugal e sobrinha de Dom Pedro I do Brasil. Essa coleção de diários foi produzida no primeiro lustro do século XX, está conservada no Arquivo Histórico Nacional (AHN-Madri) e encontra-se disponível no Portal Virtual de Archivos Españoles (PARES).

O uso desses *Diários* implica a leitura e a transcrição semidiplomática, cujos propósitos são conhecer os relatos e extrair informações pertinentes à temática da pesquisa, possibilitando uma leitura mais compreensível e mantendo a originalidade textual. A descrição da edição filológica desse material, portanto, não integra o enredo deste texto. A edição de dois desses Diários (n. 186 e 197) foi realizada por Gonçalves (2023). Esta pesquisa realizou a transcrição apenas do diário 201. Os excertos que exemplificam as análises seguem a grafia dos textos originais.

Multilinguismo

Multilinguismo é o conjunto das capacidades de um falante de se expressar em várias línguas com proficiência igual ou aproximada de um nativo, o que se configura como bilinguismo; e a coexistência de várias línguas dentro de uma sociedade politicamente definida (Clyne, 1998).

O multilinguismo está diretamente ligado às relações de poder estabelecidas pela língua, meio de interação sociocomunicativo. Essas relações podem ser do tipo horizontal, quando elas se dão lado a lado, não havendo um conflito direto entre tais idiomas, ou vertical,

quando essa relação de poder se dá assimetricamente, havendo uma relação desfavorável a alguma das línguas (Álvarez Muro, 2007).

As causas para o multilinguismo são migração, imperialismo, federação e fronteira. Certas políticas linguísticas e/ou atitudes da comunidade podem validar, apoiar, aceitar, tolerar ou rejeitar o multilinguismo ou dar um estatuto especial a um ou mais de um idioma. A motivação do referente fenômeno pode ser: social, no interesse da equidade para todos os grupos; cultural, para facilitar a manutenção cultural; política, para garantir a participação de todos os grupos e / ou obter o seu apoio político; e econômica, para ser capaz de aproveitar recursos linguísticos em benefício da balança comercial do país (Clyne, 1998).

Dentro do multilinguismo, cada língua tem sua função de acordo com sua motivação (idioma vernacular, de casa, de trabalho, franco etc.) e são os falantes que elegem as línguas que têm à sua disposição, bem como as situações de uso. Essa escolha, contudo, não é totalmente do indivíduo porque fatores sociais, políticos, bélicos... podem condicionar a língua, o que caracteriza as assimetrias típicas ao multilinguismo, afinal o multilinguismo simétrico é algo muito raro (Bower, 2010).

Intercompreensão no contato português-espanhol

A intercompreensão é uma das facetas do multilinguismo e consiste no uso das relações familiares linguísticas e na compreensão de uma língua desconhecida no contexto da L1 (e/ou uma “língua ponte”), que possui uma quantidade suficiente de vocabulário e estruturas gramaticais em comum com a língua desconhecida. É a capacidade que tem um falante/leitor de entender uma língua sem que ele a tenha adquirido ou estudado formalmente. É uma competência desenvolvida principalmente em contextos multilíngues, que estimulam a sensibilidade linguística dos interlocutores.

A intercompreensão representa o sucesso comunicativo e está relacionada com outras três situações, que vão de um polo negativo ao positivo. A primeira consiste na incomunicação pura e simples entre duas línguas; a segunda consiste em cada interlocutor usar a língua do outro; a terceira consiste em que os dois interlocutores usam um terceiro idioma para a comunicação; e a quarta consiste na intercompreensão propriamente dita, em

que cada interlocutor fala sua própria língua para negociar os significados (Escudé; Calvo, 2019, p. 30-31).

A intercompreensão românica nada mais é do que o processo de interação facilitada entre os falantes de línguas latinas, pela filogenia comum e a proximidade geográfica. A intercompreensão é mais efetiva entre falantes de línguas latinas do que entre um de língua latina e outro, por exemplo, de língua germânica ou eslava.

A intercompreensão românica tem por base o compartilhamento de elementos que são semelhantes na esfera cultural e histórica, bem como a associação entre padrões gramaticais, em especial os morfológicos (desinências, por exemplo) e os sintáticos (a ordem de palavras, por exemplo). O aspecto fonológico é um pouco mais complicado e depende de outros fatores, como a familiaridade com a língua alvo, o alto nível de consciência fonológica etc.

Cenas do contato linguístico

No Arquivo Histórico Nacional, na cidade de Madri, encontra-se o arquivo carlista, em que estão 194 diários escritos pela princesa Maria das Neves de Bragança (1852-1941), que versam sobre suas diversas viagens pelo mundo. Este estudo seleciona apenas três desses diários (n. 186, 197 e 201) porque eles tratam de viagens da princesa pela América do Sul, em especial a costa brasileira.

Esses diários são cadernetas cujo registro do cotidiano e das paradas é irregular, não havendo, por exemplo, um equilíbrio narrativo sobre cada parada (cidade, ilha ou porto). A viagem durou quatro meses, começou em Vigo (Espanha) e passou por Lisboa, Tenerife, Cabo Verde, Fernando de Noronha, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, São Vicente, Santa Catarina, Montevidéu e Buenos Aires.

O interesse por esses *Diários* se deve a que eles registram situações comunicativas típicas à travessia atlântica e à movimentação de estrangeiros pelo litoral brasileiro no começo do século XX, momento em que o trânsito intercontinental era feito exclusivamente pelo

mar⁴. Esses diários descrevem, portanto, um pouco da história sociolinguística nacional, em cujo cenário o português desempenha protagonismo em relação às outras línguas.

Essas situações comunicativas apresentadas pelos *Diários* são cenas do contato linguístico, marcado majoritariamente pelo contato português-espanhol (e outras línguas também) e pela intercompreensão facilitada e ajustada pela filogenia comum. A descrição dessas situações são amostras, não generalizações daquilo que ocorria na costa brasileira. Essa descrição ocorre em duas etapas, uma que é o trânsito marítimo (travessia atlântica e movimentação costeira) e a outra que é o trânsito terrestre (movimentação pelos portos e pelas cidades brasileiras).

Cenas do contato linguístico no trânsito marítimo

Os navios europeus com destino à América do Sul transportavam pessoas de diversas nacionalidades. No *Diário*, a princesa cita as nacionalidades brasileira, espanhola, inglesa, argentina e alemã, que se comunicavam usando (1) suas respectivas línguas, (2) o inglês ou o francês como língua franca, ou (3) a língua cuja nacionalidade era maioria num determinado grupo. Por exemplo, num grupo de lusófonos (portugueses e brasileiros) e hispanófonos, o espanhol era a língua franca, ou os interlocutores usavam suas respectivas línguas fazendo simplificações gramaticais (entonação, ritmo, composição oracional, por exemplo) para facilitar a compreensão, afinal a intercompreensão é essencialmente um processo sociocognitivo.

Em alguns momentos, a princesa descreve surpresas que na realidade, são indicativos de suas crenças e avaliações sociolinguísticas, a exemplo de quando ela se indaga sobre a origem de um passageiro cuja nacionalidade ela não consegue identificar “Habla inglés como un inglés, francés como un francés”.

⁴ O primeiro voo comercial e transatlântico do Brasil foi feito pela Panair, em 27 de abril de 1946, e ligava Rio de Janeiro a Londres, com paradas em Recife, Dacar, Lisboa e Paris, conforme Portal do Museu Aeroespacial da Força Aérea Brasileira.

Nessa mesma conversa, interage um casal de nacionalidade desconhecida, ao que comenta a princesa: “Yo por el francés del matrimonio supuse eran alemanes. Esta mañana solo había oído unas palabras y entonces les creí francés, pero luego oí que clase de francés hablaban esta gente latinos”. Ela continua suas hipóteses sobre a origem do casal, supondo inclusive que eles sejam belgas.

Em outro momento, ela apresenta sua avaliação sociolinguística sobre as características do falar hispânico de uma passageira dizendo que “La señora esa habla perfectamente el castellano, lo que no sabía, habiendo nacido y vivido siempre (excepto unos viajes a Europa) en Buenos Aires.”. Possivelmente, a princesa concebia que o hispano falava mal espanhol e não encaixou em sua crença a avaliação de que sua interlocutora falava bem espanhol apesar de ser bonaerense.

É comum nos diários a descrição dos passageiros pelo fenótipo, que são pistas usadas pela narradora para hipotetizar sobre o perfil social dos interlocutores desse cenário sociolinguístico, conforme mostra este registro: “Hoy hago conocimiento com la niña morenita brasileña, su mujer brasileña aunque no lo parece rubia y blanca, como es”.

Em outro momento, ela relata de sua interação com outros hispanofalantes e fala de um passageiro argentino que mora na Espanha há cinco anos. Além de fixar sua atenção no sotaque, que não se parece com o falar de sua origem, ela fala do seu aspecto mestiço, como um índice sociolinguístico:

Vecino de Petra parecía tan serio y sale muy alegre ya me parecía que su idioma debía ser castellano, por el interés que mostraba cada vez que hablábamos castellano; parecía tener gana de tomar parte en la conversación, pero de no atreverse y así hice que se empezara y efectivamente me contestó en español.

As crenças sobre fenótipos aparecem também quando a princesa conversa com um médico argentino. O tema da interação era a qualidade das embarcações que faziam o cruzamento transatlântico. Ela elogia os ingleses, o argentino, porém, tem posição contrário. Assim é a conversa:

Yo dije entonces que a mí no gustaban muchos los ingleses, que les admiraba y él contestó: ¡pues es justo el contrario de mí! No hablo su lengua

y así no me gustan, en general no me gustan, nosotros que somos de la raza latina tenemos otros gustos y no simpatizamos con ellos.

O relato descreve ainda a presença de brasileiros na Galiza, o que possibilita conhecer o cenário dialetal dessa região, onde além da variedade lusitana, existem também as variedades brasileiras do português. A princesa nomeia alguns dos passageiros: Dona Terezinha Macedo com sua prima e o esposo da prima, esses dois últimos são portugueses; Jovem Souza; Família Reis (marido, mulher, senhorita e menina, todos brasileiros); Senhor Oliveira; Casal Melo; Família Rodrigues (marido, mulher e menina, todos brasileiros).

O registro de umas das conversas, durante o trajeto marítimo, trata da avaliação das empresas náuticas que faziam a travessia atlântica:

El señor brasileño (casado de nuestra mesa, creo señor Mello) dijo que una vez fue con un barco francés y nunca más lo hará. El como los demás encuentran infinitamente mejores los barcos ingleses como confort etc.
El señor de nacionalidad ignota, nos contó horrores de los barcos franceses y dijo que aunque le dieron gratis el pasaje y que en los ingleses le pedirían doscientos libras iría más bien en un inglés *** que nunca más iría en un francés

Essas avaliações mostram que nesse cruzamento oceânico, circulavam o português, o espanhol, o francês e o inglês – as línguas respectivas a cada bandeira náutica. O relato da princesa se passa num navio de nacionalidade espanhola, cujo cenário sociolinguístico pode se estender às outras bandeiras mercantes.

Além dos tipos de jogos e outros divertimentos, como bailes, os diários ainda registram temas de conversas entre os embarcados, como sobre a Guerra dos Bôeres (1880-1881 e 1899-1902) e a literatura brasileira. Nesse último tema, o diálogo é um entrave entre brasileiros: um negando haver uma literatura nacional de qualidade, a exemplo da portuguesa; e outro afirmando que a literatura nacional tem autores tão bons quanto os portugueses. Este é um trecho desse diálogo:

Yo fui la causa inocente porque habiendo preguntado ayer si había escritores de novelas brasileños como los portugueses en Portugal el vecino de Lidi dijo que sí que había romanceros, y el de enfrente de Lidi y su mujer dijeron que no discutieron algo sobre eso y el de al lado de Lidi se picó de que desacredito el otro al Brasil negando haya allí tales escritores.

Cenas do contato linguístico no trânsito terrestre

No cenário terrestre, as situações de contato são menos plurilíngues, envolvem apenas o português e o espanhol. Contudo, o perfil social dos interlocutores é mais diverso, com a participação de pessoas de baixa ou nenhuma escolaridade, a descrição de paisagens linguísticas de algumas das principais cidades brasileiras da época, Recife, Salvador e Rio de Janeiro; e o registro de práticas alimentares e culturais típicas ao Brasil novecentista.

Um processo linguístico comum à situação de contato é a tradução direta ou as adaptações grafofonéticas da toponímia, que manifestam as interferências e as transferências léxico e gramaticais, exemplificadas pela descrição da chegada ao porto do Rio de Janeiro, conforme ilustram os trechos sublinhados:

Luego se ve el Pico, con el Fuerte de Santa Cruz; Luego en el fondo, en una entrada el Pão de Açúcar al lado Ilha do Pae e da Mae y antes de entrar a Ilha Rasa con la farola que ilumina toda la bahía; A derecha Santa Cruz a la izquierda São João escuela militar y en el centro a Fortaleza d. Dalasa Lapa; A la otra extremidad a Ilha do Meio. Luego a Cabeça do Gigante; Dous irmãos, Montanha da Gavia, antigo moro de Bota Fogo porque echaba fuego.

O desembarque

O primeiro ponto de desembarque é em Recife, onde o navio ancora a uma distância da praia e jangadas se aproximam da embarcação maior para recolher passageiros, bagagens e outras cargas. O interessante nessa descrição é que a princesa traduz a palavra jangada por um equivalente cultural em espanhol, que é “almadía” (embarcação formada por troncos ou madeiras unidas, DRAE-RAE⁵). Assim diz o relato:

⁵ REAL ACADEMIA DE LA LENGUA. **Diccionario de la lengua** (DRAE/RAE). Disponível em: <https://dle.rae.es> – última consulta em 11.11.2024.

Antes de parar, vimos unas velas que andaban como si no tuvieran base o solo una boya. Me explicaron que éstas las hay a centenares aquí, van a pescar. Es una especie de pequeña almadia muy chiquita, larguita pero no mucho, quiero decir que es más larga que ancha una chocita de paja o estera para acobijarse debajo. A distancia, no se ve que la vela...

Ainda neste ponto, a princesa relata que algumas jangadas vinham com vendedores de frutas, que a abordam. Porém, como ela não entende o português popular, ela pede auxílio a outro passageiro, um argentino, que tinha conhecimento do português popular e já havia feito esse trajeto noutras vezes.

Esse é o melhor exemplo do processo de contato e intercompreensão, ela, uma estrangeira e uma mulher nobre, não consegue desenvolver uma comunicação fluida com alguém sem escolaridade e que talvez tivesse pouco contato com estrangeiros. O argentino, também hispanofalante, consegue a intercompreensão devido a ter mais familiaridade com as frutas americanas, conhecer o Brasil e provavelmente conhecer também o português brasileiro.

O segundo ponto de desembarque é em Salvador, onde vários passageiros descem para passear pela cidade e almoçar em terra. Nessa etapa, a situação de desembarque é um pouco melhor porque são embarcações do tipo lancha, cujos pilotos também funcionam como guia turístico dando informações de passeios e locais de interesse (restaurante, igrejas, mirantes etc.). A princesa faz este registro: “Nuestros negros de la lancha nos hablaron de tres fondas, una la de París; por supuesto ninguno de nosotros tenía gana de ir a aquella y optamos por el suramericano”. Não há clareza sobre a língua usada por eles nessa interação. A hipótese é que tenha sido o português com o acionamento de enunciados em espanhol, como as perguntas.

O terceiro ponto de paragem é no Rio de Janeiro. O *Diário* oferece poucos dados sobre esse momento, apenas registra a diferença no desembarque feito por pequenos vapores. Nessa etapa, desce a maioria dos brasileiros do transatlântico, o que possibilita inferir que o quadro linguístico do navio encolhe sem a presença majoritária da língua portuguesa: “Paramos después del almuerzo, bastante después en seguida llegaron infinidad de vaporcillos que la gente fleta en tierra para buscar sus parientes y amigos, y bajan después de algún tiempo la mayoría de los brasileiros”.

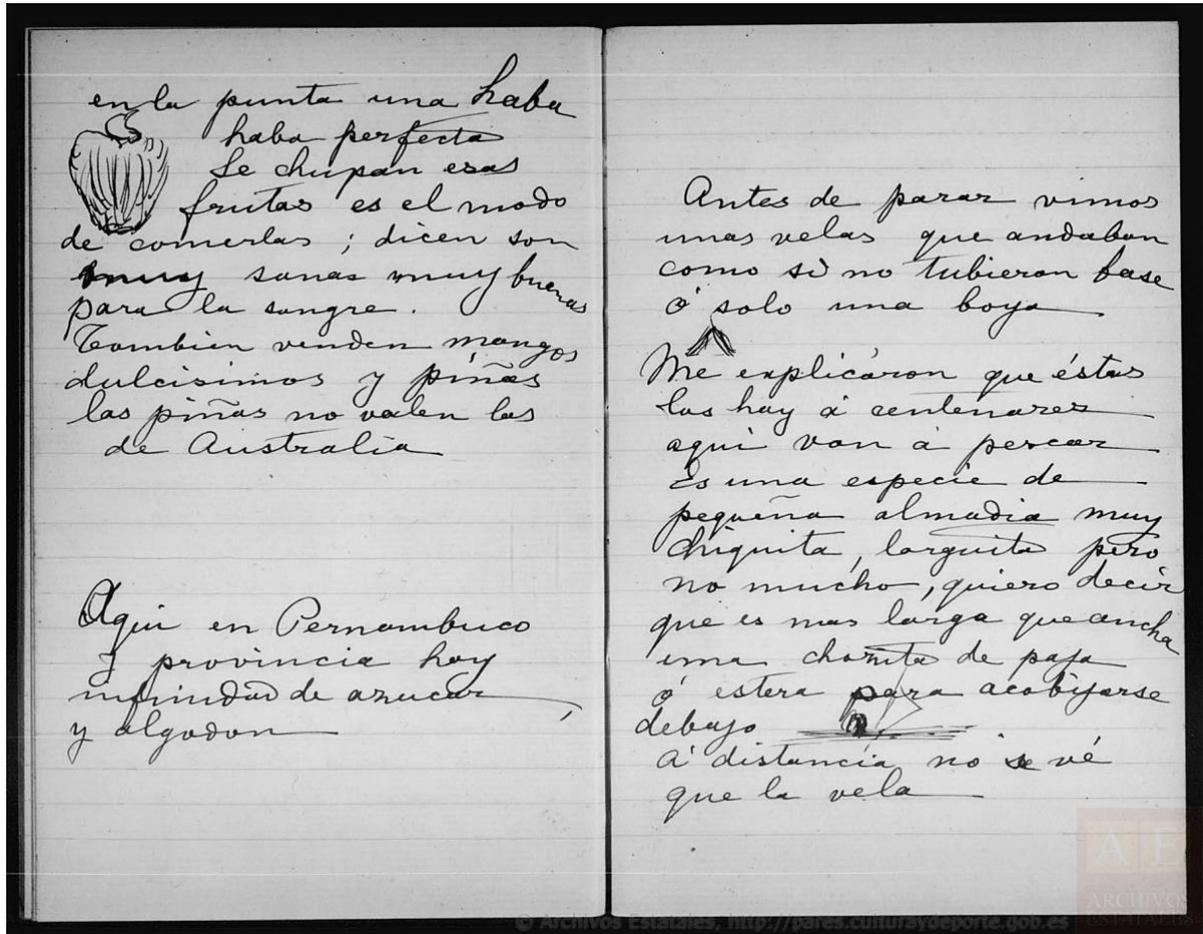
As práticas alimentares

A movimentação dos passageiros, em especial da princesa e sua dama de companhia, é rica em detalhes. Este estudo seleciona aqueles momentos mais pertinentes à descrição do contato linguístico, a começar pela caracterização das frutas e a forma de consumi-las.

A princesa as apresenta pelo nome português, usando a tradução direta, que é uma forma de transferência linguística:

- Manga: “Hoy comí el mejor mango (aquí dicen manga) de mi vida. Era amarilla como una manzana, dulce como azúcar, con un perfume delicioso [...] nunca comí otra igual y a mí que no me gustan mucho las mangas me gustó inmensamente”;
- Abacaxi: “Las piñas se llaman aquí abacachi dicen que este año no son muy buenas en Pernambuco el país celebre para sus piñas y efectivamente encontré una inmensa diferencia con los de Australia a pesar de que son dulces y tienen mucha agua” – uso de uma grafia que se aproxima ao padrão fonológico do espanhol;
- Abacate: “Aprendí una nueva forma de comer una fruta que hay en Java, aunque olvidé su nombre. Los ingleses las llaman ‘peras de cocodrilo’. Es porque tienen la forma exacta de peras verdes, pero más gruesas” - ela também usa “pera cocodrilo”, um sinônimo de aguacate em espanhol, usado também pela língua inglesa;
- Caju: “una fruta que se chupa, hay amarilla y hay de colorados. Caju en la punta un haba perfecta, se chupan esas frutas es el modo de comerlas; dicen son muy sanas, muy buenas para la sangre.” – inclusive, a princesa desenha algumas dessas frutas em seu Diário, conforme ilustra a imagem adiante:

Imagem 01 – página do Diário de Viagem (nº 186)



Fonte: Diário, nº 186 (PARES-MCU)

Ainda no âmbito alimentar, a princesa descreve diversas práticas alimentares, como o consumo de vatapá, a que ela registra seguindo sua percepção auditiva (matapá), inclusive registra um sinônimo mais popular (mata-garganta). Na descrição, ela segue o padrão da tradução por equivalências culturais, associando ingredientes do vatapá ao bacalhau, e a aparência do prato brasileiro a uma sopa amarela: “Empezamos con matapá que llamo mata garganta, pero no me disgusta. Es una sopa amarilla que sabe a muchas cosas entre otras a bacalao y que es tan fuerte que un muerto abriría los ojos al ponerse en la boca”.

As situações conversacionais

As situações descritas por esta seção englobam os momentos na embarcação e em terra. Nesta etapa, o interesse desta pesquisa são os índices lexicais, em especial os verbos, que possibilitam um desenho mental de como ocorreram as interações, bem como os traços linguísticos dessa informação.

A princesa relata sua busca de informações com transeuntes, o que pode ter ocorrido em língua espanhola e portuguesa, visto que ela não registra esse tipo de informação. No entanto, ela registra quando a interação envolvia o espanhol. No geral, os verbos usados para descrever as interações conversacionais são: perguntar, responder, explicar, dizer e dar, que ocorre como verbo suporte (dar detalhes, dar informações).

O perfil social dos interlocutores varia bastante, clérigos, tripulação naval, vendedores de lojas, garçons de restaurante, negros que conduziam botes ou apenas homens negros (rótulos dados pela própria narradora) são algumas das funções citadas pelos *Diários*. Em algumas situações, a narradora diz sua avaliação sobre o aspecto físico do seu interlocutor, como está neste exemplo: “luego viene un obrero con cara tonta y nos dice que vayamos a la puerta al lado”.

As interações ocorrem em situações, como:

- fazer compras em Salvador - “Antes tuvimos que ir a una tienda de sombrillas porque Petra se había dejado la suya en casa”;
- Fazer câmbio monetário - “Lidi hubiera querido cambiar dinero (inglés papel contra libras) pero era demasiado temprano”;
- Pegar bonde - “Conque arriba cogemos el tram de machos, como nos dijo el negro del barco que nos había acompañado hasta meternos en el funicular.”;
- Alugar e barganhar o valor do táxi - “Y dijo que no podía rebajar siendo la tarifa de su amo”; e
- Buscar informações turísticas: “Recorrimos la ciudad, pero nos equivocamos de camino dos veces. Finalmente, preguntando, logramos encontrarlo y comenzamos a bajar para luego tomar una subida donde se encuentra el hito.”.

A busca de informações turísticas repete-se tanto dentro quanto fora da embarcação, o que corrobora o propósito da viagem da princesa, sendo, portanto, o registro disso um índice

do propósito comunicativo do gênero *diário de viagem* e da desenvoltura sociopragmática da interlocutora, que interage inclusive com passageiros que embarcava durante o percurso: “El señor que subió en Bahía y que me dio tantos detalles de allí se hace con entusiasmo mi cicerone para hacer realzar las hermosuras de la llegada de su capital.”.

Outra descrição é a de sua desenvoltura na coleta coletiva de informações turísticas: “No he podido dar la descripción que hubiera querido porque cada uno de esos señores tenía la amabilidad de indicar otro y otro sitio a veces tres a la vez”.

Por fim, chama atenção o fato de que alguns topônimos comerciais vêm acompanhados de adjetivos que remetem ao multilinguismo, como: Hotel Restaurante Internacional, Fonda⁶ de Paris ou Fonda Surameriana.

Conclusão

Por muito tempo, a história da língua portuguesa desconsiderou os contatos linguísticos porque ela era feita por autores que seguiam uma visão purista, para os quais os fenômenos de contato (interferência, transferência, alternância e mixagem) são ou marginais, não importando à constituição cronológica da língua, ou negativas, já que representam desvios à norma culta.

Quando muito, os manuais de história da língua portuguesa tangenciam a temática dos contatos para falar da constituição lexical portuguesa na perspectiva dos empréstimos, limitando-se à classificação (latinismo, helenismo, espanholismo, anglicismo etc.) e exemplificação. O empréstimo pressupõe não apenas a incorporação lexical de uma língua a outra, mas principalmente uma situação de contato prolongado ou uma demanda emergencial, como é o caso dos germanismos importados para referenciar coisas do campo semântico bélico.

⁶ A tradução para ‘fonda’ se aproxima de hostel, pousada e taverna.

Diante disso, a história dos contatos linguísticos do português aparece na agenda científica nacional, principalmente porque aqui a implantação linguística do português conviveu (e convive, em algumas localidades) com outros transplantes idiomáticos.

A travessia atlântica é marcada pelo multilinguismo e sua característica assimetria, em que sempre uma língua tende a ocupar o lugar de destaque comunicativo. Dentro da embarcação, as interações são marcadas pela intercompreensão mútua ou pela eleição de uma língua comum, quase sempre a língua da maioria do grupo, como o espanhol. Em terra, o português era a língua dominante, quando muito o espanhol era acionado para interlocuções mais pontuais.

A intercompreensão, além de ser uma materialidade do contato linguístico, mostra a competência comunicativa do falante em ação, cuja marca é a solidariedade entre os interlocutores, principalmente numa situação de exolingüismo (acionamento de diversas línguas) e filogenia comum.

Na escrita, o processo de contato está marcado pela tradução direta ou as adaptações gráficas (na escrita) ou fonéticas da toponímia local, que manifestam as interferências e as transferências léxico e gramaticais.

Ainda no plano da escrita, os *Diários* possibilitam caracterizar as realidades linguísticas da costa brasileira no começo do século XX, envolvendo principalmente a travessia atlântica e a recepção de estrangeiros por grandes cidades; e descrever a biografia linguística de figuras importantes da história ibero-americana, em especial aquelas que têm relação com a formação nacional. Biografia e gerenciamentos linguísticos são dois conceitos um pouco desconhecidos pela linguística histórica brasileira, que poderia adotá-los para examinar as fontes documentais que retratam a conformação sócio-histórica do português brasileiro, ingressando numa dimensão mais ampla, a comunicativa.

Referências

ALONSO ROMO, Eduardo Javier. Português e castelhano no Brasil quinhentista à volta dos jesuítas. *Revista de Indias*, Madrid, v. 65, n. 234, p. 491-510, 2005.

BOWERN, Claire. Fieldwork in contact situations. In: HICKEY, Raymond (ed.). *The handbook of language contact*. Hoboken, Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2010. p. 340-357.

BUESCU, Ana Isabel. Aspectos do bilinguismo português e castelhano na época moderna, *Hispania*, Madrid, v. 64, n. 216, p. 13-38, 2004.

CALVO DEL OLMO, Francisco Javier; ESCUDÉ, Pierre. *Intercompreensão: a chave para as línguas*. São Paulo: Parábola, 2019.

CASTRO, Ivo. Sur le bilinguisme littéraire castillan-portugais. *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Lisboa, v; 44, p. 11-23, 2002.

CLYNE, Michael. Multilingualism. In: COULMAS, Florian (coord.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1997.

CORBELLA Díaz, Dolores; FAJARDO AGUIRRE, Alejandro (eds.). *Español y portugués en contacto: préstamos léxicos e interferencias*. Berlín: Mouton de Gruyter, 2017.

DASILVA, Xosé Manuel. La traducción literaria entre español y portugués en los siglos XVI y XVII. *E-Spania*, Paris, n. 27, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/e-spania/>.

GARCÍA MARTÍN, Ana María ¿Un castellano de Portugal? Algunas consideraciones sobre el empleo del castellano por autores portugueses de los siglos XVI y XVII, en Maria GRACIETE BESSE (coord.). *Cultures lusophones et hispanophones*, Paris, Indigo & Côté-femmes Éditions, 2010, p. 199-209.

GARCÍA MARTÍN, Ana María. El bilingüismo luso-castellano en Portugal: estado de la cuestión. In: MARCOS DE DIOS, Ángel (ed.). *Aula bilingüe*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2008. p. 15-44.

GONÇALVES, Rosineide Lima. *Explorando horizontes: uma abordagem discursivo-textual da escrita feminina dos diários de viagem da Infanta Maria das Neves de Bragança.* 102f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR, 2023.

MOTA, Fabricio Paiva. A interferência linguística em redações de venezuelanos estudantes de português na fronteira Brasil/Venezuela. 185f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2020.

MOTA, Fabricio Paiva. Contato linguístico na fronteira Brasil/Venezuela. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR, 2014.

PROCÓPIO, Eliabe. Ejemplos del Multilingüismo en la Documentación Española sobre el Brasil (ss. XVI-XIX). *Hispanista*, v. XXV, 2024.

PROCÓPIO, Eliabe; GONÇALVES, Rosineide Lima. Linguistic Contact and Portuguese-to-Spanish Document Translation During the Iberian Union. *Laborhistórico*, v. 9, n. 2, 2023.

PROCÓPIO, Eliabe; MOTA, Fabricio Paiva. Code-Mixing na Documentação Colonial Portuguesa: Carta de Wybrant Warwyck (1604). *Papia*, v. 26, 2016, p. 283-299.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Algunas muestras del contacto hispano-portugués en la América dieciochesca: el caso de la República Argentina. In: COLL, M. (ed.). *Actas del XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*, Montevideo, ALFAL, 2008.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Contacto de lenguas en la América dieciochesca: español y portugués en el Paraguay. *Cuadernos Dieciochistas*, Salamanca, n. 13, 2012, p. 205-24.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Contacto hispanoportugués en la Romania Nova: aproximación a la influencia portuguesa en el español uruguayo del siglo XIX. *Res Diachronicae*, n. 4, 2005, p. 115-132.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. El contacto del español y el portugués en la historia: situaciones y resultados americanos. *Letr@ Viv@*, n. 10, vol. 1, 2010, p. 13-48.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Trabajando en la frontera: reflexiones sobre la edición histórica de textos históricos de bilingües hispanoportugueses. *Revista de Investigación Lingüística*, n. 15, 2012b, p. 107-34.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Un contacto peculiar: pautas para el análisis del contacto histórico entre el español y el portugués en América. *Moenia*, n. 21, 2015, p. 131-143.

SALVADOR, Gregório. Lusismos, em Manuel Alvar *et al.* (ed.). *Enciclopedia lingüística hispânica*, Madrid, CSIC, 1997, p. 239-261.

STURZA, Eliana Rosa. Português do Uruguai e português de missões língua, território e fronteira. *Línguas e instrumentos linguísticos*, v. 24, 2021, p. 177-198.

ZIMMERMANN, Klaus (Ed.). *Lenguas en contacto en Hispanoamérica: nuevos enfoques*. Frankfurt am Main, Vervuert; Madrid, Iberoamericana, 1995.

Recebido em: 31 de janeiro de 2025.

Aceito em: 25 de fevereiro de 2025.